

# REVISTA MENTE E CÉREBRO: A MEDIATEZADAÇÃO DO DISCURSO MÉDICO

Gilkiane Cargnelutti de Mello

## RESUMO

Este trabalho analisou as estratégias discursivas utilizadas pela revista *Mente e Cérebro*, evidenciando como a revista mediatiza o discurso científico no processo de legitimação dos conceitos e pesquisas produzidas e divulgadas pelas empresas líderes, universidades e centros de referência em saúde.

O corpus da pesquisa é constituído por uma coleção de seis edições especiais lançada pela revista, e intitulada “Doenças do Cérebro”. Tais edições trazem os processos neurológicos e mentais que regem algumas das principais patologias do cérebro humano, e cujos sintomas intrigantes e alta incidência, as tornam doenças que desperta cada vez mais atenção.

Trata-se da coleção “Doenças do Cérebro” que aborda os seguintes assuntos: 1) Parkinson e Alzheimer; 2) Autismo; 3) Hiperatividade e epilepsia; 4) Esquizofrenia e bipolaridade; 5) Depressão; 6) Stress e ansiedade, doenças que tiveram um surpreendente aumento de incidência nos últimos 60 anos.

## INTRODUÇÃO

Com a globalização, a divulgação da ciência e da tecnologia deixou há muito tempo, de ser preocupação exclusiva dos cientistas e, com isso, ambas ganharam mais espaço nos meios de comunicação. Nesse contexto de divulgação midiática, temáticas relativas às doenças do cérebro evidenciaram que as mesmas tiveram um surpreendente aumento de incidência.

Considerando as diferentes explicações para este aumento, analisamos como as estratégias discursivas da revista *Mente e Cérebro* – revista mensal dedicada ao estudo das neurociências – produzem subjetividades visando atrair o leitor. Como se trata de uma publicação que se auto-intitula como jornalismo científico, partimos da hipótese de que as notícias sobre patologias do cérebro humano podem participar da produção de subjetividade estabelecendo um contrato de leitura, a partir do qual as leituras das notícias sobre saúde se tornam um convite para o leitor se conceber como pertencendo a um grupo de risco, ou estar doente sem o saber.

Não se pretende incitar os jornalistas a um confronto com a comunidade científica, o que se busca é resgatar o caráter pedagógico-crítico do jornalismo científico, evitando que, de maneira ingênua, os profissionais da comunicação estejam a serviço de interesse que atentem contra a cidadania e a função social da ciência.



Fig. 1 – Capa revista *Mente e Cérebro* – edição 213 – outubro 2010.



Fig. 2 – Coleção *Doenças do Cérebro*:  
Edição 1: Parkinson e Alzheimer  
Edição 2: Autismo  
Edição 3: Hiperatividade e epilepsia  
Edição 4: Esquizofrenia e bipolaridade  
Edição 5: Depressão  
Edição 6: Stress e ansiedade

## MATERIAIS E MÉTODOS

Realizamos uma Análise de Discurso (AD) abordando os principais aspectos intertextuais e gráficos da coleção *Doenças do Cérebro*, produtores de sentido.

Amparados nos estudos do discurso proposto por Michel Foucault (1969) e nos estudos da Ordem médica de Jean Clavreul (1983), nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento. Assim, para a Análise de Discurso:

- a. a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma;
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico;
- c. o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam.

Dessa forma, a língua não é apenas um código entre outros, nem tampouco, o emissor e o receptor atuam em seqüência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica a mensagem.

Considerando o que pode ou não pode ser definido como jornalismo científico, de nada adianta que a ciência avance, se seus conteúdos não forem publicados.

Porém, existe na AD uma subjetividade que é acentuada dentro do discurso médico, como forma de se perpetuar. Assim, esta ideologia se confunde com a ideologia dominante, podendo ser resumida assim: “o médico (ou o chefe) sabe melhor que você o que convém para o seu bem. Sua liberdade resume-se em escolher seu Senhor”.

## RESULTADOS

Por se tratarem de doenças psíquicas, constatamos que os textos de especialistas em alzheimer, parkinson, autismo, esquizofrenia, transtorno bipolar, hiperatividade, depressão, stress e ansiedade apresentados na revista, participam da produção de subjetividade de três modos: em primeiro lugar, os meios de comunicação difundem para uma audiência leiga o saber psiquiátrico. Em segundo lugar, a mídia nos alerta para os perigos de certos eventos e nos ensina a conceber um limiar a partir do qual sofreremos mais do que deveríamos, mais do que é saudável. Por fim, ao nos ensinar a nomear as sensações vinculadas a esses sofrimentos patológico, a mídia também nos convida a instalar uma distância terapêutica, instrumental, entre a consciência e seu fluxo a partir da qual o sofrimento só faz sentido como objeto a ser manipulado, de preferência tecnologicamente.

## CONCLUSÃO

Das seis edições analisadas, dentro do processo de produção e divulgação científica, constatamos que as relações entre ciência, tecnologia e sociedade são pautadas por redes complexas de interesses e compromissos, tendo o jornalismo científico o papel de intermediar com comprometimento e sem sensacionalismo esses novos desafios.

## REFERÊNCIAS

- [1] BUENO, W. da C. (1984) *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática independente*. São Paulo: Tese de doutoramento apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1984.
- [2] CLAVREUL, J. *A ordem médica – poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- [3] FOUCAULT, M. *Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. De Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- [4] ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*, Campinas, SP: Pontes, 1999.
- [5] PÉCHEUX, M. *Discurso, estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.